

SOMOS TODOS CRÁPULAS ROMANESCOS

Luciano Bedin da Costa¹
Larisa da Veiga Vieira Bandeira²



Ilustração de Luciano Bedin da Costa

1.

Uma mulher sangrando na sarjeta é o limite, ocaso da filosofia, estética e literatura. Toda ficção do mundo, e mesmo toda realidade produzida, são incapazes de acessá-la. Resta-nos o Monstro do bilhão de olhos, o Inominável, o Irresponsável, o Escondido-de-mim, o Interminável ser, toda franja de palavras a que Ginsberg soube tão bem agarrar após doses controladas de LSD (2010, p. 140).

2.

Diante de uma mulher sangrando na sarjeta, o passante, o lavador de marquises, o fotógrafo, o artista, o jornalista, o escritor e o pesquisador compartilham um mesmo e uno silêncio embora não queiram, e não saibam. Ao contrário do que Freud nos aponta, escrevemos não para sublimar pulsões indesejáveis, mas para nos defrontarmos com o aviltante e vexatório homem que nos habita. Em algum momento inespecífico, toda identidade acaba por se deparar com o homem de que também é feita, o arrogante homem que atende (e ataca) em nome de um *nós*, e que se refere a *eles* com espantosa segurança. Um arrogante homem sempre posto à espreita, imenso falo que nos impede a escuta de outrem, falo que lhe faz sombra e que impõe ao silêncio uma masculina e reincidente sobre, o velho tapinha nas costas da linguagem, demonstração vulgar de poder. Não obstante, uma mulher sangrando na sarjeta, caso responda, será sempre ao neutro.

¹ Luciano Bedin da Costa, docente da Faculdade de Educação e Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: bedin.costa@gmail.com.

² Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Mestre em Educação e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Supervisora Pedagógica da Escola de Educação Infantil do SESC - Tramandaí - RS. E-mail: lvvbandeira@gmail.com.

3.

Ninguém haverá de testemunhar pelas testemunhas - Adorno, Paul Celan, Agamben e ainda Foucault nos levam a pensar a impossibilidade da literatura após Auschwitz. E, enquanto pensamos com eles, uma mulher na sarjeta se prostra, com seu sangue pálido e seco colado ao corpo.

3a.

No filme Shoah (1985), Claude Lanzmann pressiona o barbeiro que sobreviveu à Treblinka, a prosseguir em seu testemunho sobre o campo de extermínio nazista. Em lágrimas, o barbeiro não consegue continuar. O barbeiro testemunha-dos-horrores prossegue a cena retomando a tesoura e cortando os cabelos do freguês em gestos extraordinários. Ninguém haverá de testemunhar. “O tempo cura todas as feridas, alisa, limpa, oblitera; a história mantém as feridas abertas, enfia o dedo nelas, escava e as faz sangrar.” (MALCOLM, 2012, p. 73).

4.

Toda literatura ficcional é uma tentativa de se esquivar à frase “Estou toda mordida e arranhada” (CANÇADO, 1979, p. 104). Grito de socorro sem o objeto gritante, ficção real de um alumiado cotidiano, micróbio ancestral sobre o fio de uma gilete enferrujada. Toda escritura como assombração – nunca exorcismo – de um sonho certo e ébrio, busto de um improrrogável fora que se recusa ao rosto de uma verdade ou mesmo de uma mentira, a toda ladainha acadêmico-científica que se faz à meia luz e em meio a essa convenção de mentirosos. Será o caso, talvez, do sobreaviso de Michon (2000), de que, diante de uma folha em branco, não passamos de crápulas romanescos.

5.

Uma mulher sangrando na sarjeta deveria ter sorrido para alguém algum dia, sorriso agora imaculável e inacessível, de quem reserva ao mundo toda miséria de possíveis capaz de suportar em suas costas eternamente viradas e na fina fresta de cabelo pendente sobre o ombro direito. O sangue de uma mulher na sarjeta coagula em placas grossas, que se grudam no asfalto, obra do tempo, ao qual fica exposta à nossa indiferença. Enquanto nosso sangue venoso circula em um sistema fechado de vasos, o dela, vazado na sarjeta, expõe a fragilidade das paredes e assoalhos, a intensidade da explosão cardíaca em sua nobre função de órgão. O coração, que para Tsvetáieva (1995. p. 7) é o vigilante permanente, será o primeiro a dar o alarme, embora o último a desertar.

6.

Em um derradeiro segundo, onde tudo passou diante dela, (h)ouve um último sopro: “AMO O MUNDO INTEIRO, amo toda a Terra, todos os homens do mundo - essa é a minha paixão e minha morte, rumo à escuridão [...], lutando contra a posse e a invasão, vendo toda a minha vida em um átimo, com pequenos fragmentos de mim caindo das mãos dele”... (NIN, 2011. p. 288).

7.

Uma inacessível gramática repousa sobre o corpo exposto e invisível de uma mulher enovelada por xucros signos, uma totalidade tão impressionante quanto o vôo de um inseto inqualificável. O que resta virá daquilo que os passantes, absortos em suas preocupações, e sugados pela urgência vazia de ter coisas a fazer, deixam passar. O que resta virá daquilo que se obrigam os poetas, romancistas e dramaturgos, a enfrentar “terríveis resistências, a revelar o que o resto de nós mantém trancado em segurança dentro de nossos corações.” (MALCOLM, 2012, p. 74).

8.

O que esperava pela mulher que sangra na sarjeta? Uma solitária panela de feijão queimado em um fogão que permanece aceso? Um corpo nu e quente em uma cama que continuará com os lençóis arrumados? Um livro aberto na página 22? O primeiro dia de um novo trabalho? Uma cadeira junto à janela, da qual poderia ter assistido as maçãs amadurecerem no quintal? A pele nojenta de um rude e torpe homem que não mede esforços para testar o peso de sua mão e a flacidez de seu pênis, apesar de todo não suplicado? Entre uma mulher que sangra e o que a esperava “todas as entranhas da terra, toda a manhã, todas as estrelas – tudo, interrompido pela morte terrestre.” (TSVETÁIEVA, 1995, p. 44).

9.

A integridade de uma mulher que sangra na sarjeta confronta os passantes com as microbatalhas que travam com as agendas lotadas, com as soluções que não encontram para o saldo bancário, com os beijos que não roubaram, com a aspereza das coisas que não aconteceram, com os gestos interrompidos, com os textos que nunca conseguirão escrever. Uma mulher que sangra na sarjeta é a suspeita, a vítima, a acusadora, a defensora, o doloso e o culposos do próprio crime. O júri observa apático e indiferente, digitando em seus celulares.

10.

O sangue depositado na sarjeta não mais circulará, não será mais filtrado ou impulsionado. No extremo da negação da função sanguínea, na coagulação, no aquecimento do asfalto que já enfrenta o sol a pino, tudo que é funcional, utilizável, imitável, tudo que é interessante para o consumo rápido e fácil é afastado. A coagulação é o silêncio da rua, a neutralização da cidade, a morte que, atabalhoadamente, trabalha na pseudo harmonia prática da vida, em cada cálculo de matemática realizado com sucesso, na ignição certa do carro, na hábil retórica do palestrante, na chave que gira com facilidade abrindo a porta, no silêncio prudente do político engravatado.

11.

Na rua Aqueronte passa um ônibus rente ao meio fio, as rodas roçam nos cabelos de uma mulher que sangra na sarjeta. Os passageiros impassíveis suspendem a respiração. O cobrador estica os olhos para o corpo flexionado. A campainha toca com insistência parando o ônibus com um solavanco. Desce, com a calma necessária para equilibrar-se no salto 15, um travesti com as nádegas apertadas em uma microsaia. Dobrando os joelhos junto ao corpo que sangra,

faz um sinal da cruz na altura dos seios de mamilos sempre duros. Em um gesto de generosidade, e medo, deposita uma moeda sobre os lábios da mulher.

Referências

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é deus*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GINSBERG, Allen. *Uivo e outros poemas*. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hugues e os limites da biografia*. Tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MICHON, Pierre. *Rimbaud, o filho*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NIN, Anaïs. *Fogo: De um diário amoroso: o diário amoroso de Anaïs Nin, 1934-1937*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: LP&M, 2011.

TSVETÁIEVA, Marina. *Indícios Terrestres*. Tradução de Manuel Dias. Lisboa: Relógio D'água, 1995.